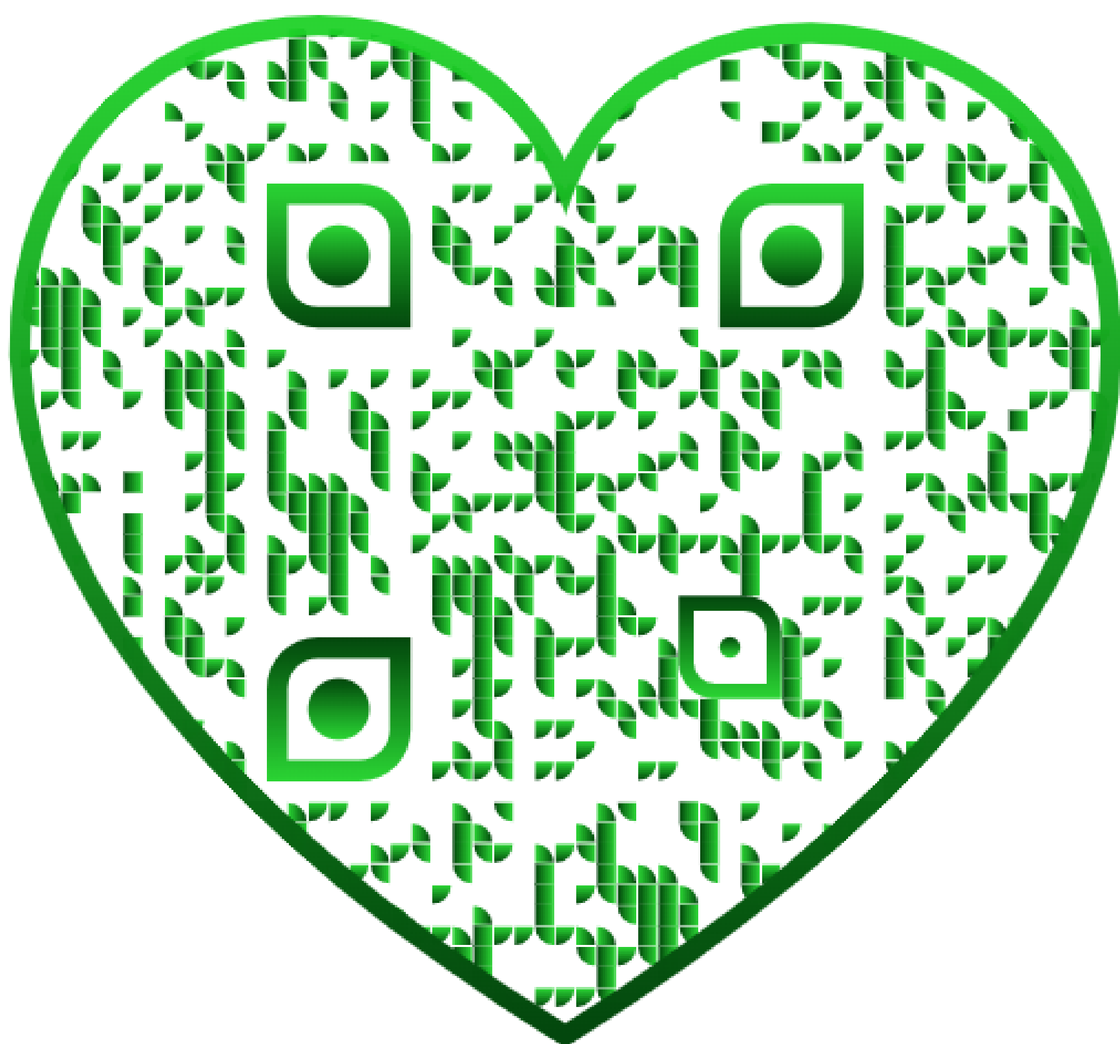
JOE HILL

STEPHEN KING

CONTO



A TRIBO



A TRIBO



O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

JOE HILL
STEPHEN KING



A TRIBO



A TRIBO

RUMO AO OESTE PELO DESERTO CHEIO de cores, deixaram o massacre para trás e só pararam depois de percorrer mais de 150 quilômetros. Por fim, no início da tarde, saíram da estrada ao chegarem a um restaurante modesto com fachada de estuque branco e bombas de gasolina na frente. Quando passaram diante do lugar, o estrondo de seus motores fez as vidraças chacoalharem. Reuniram-se à esquerda do prédio, em meio aos caminhões estacionados, e ali baixaram os descansos e desligaram as motos.

Race Adamson os havia guiado por todo o caminho. Em determinados momentos, sua Harley chegara a ficar quase 500 metros à frente dos outros. Desde que voltara a andar com eles, depois de dois anos sem aparecer, Race tinha adquirido o hábito de permanecer na dianteira. Ele se distanciava tanto que muitas vezes parecia estar desafiando-os a tentar acompanhá-lo – ou talvez quisesse apenas deixá-los para trás. Não queria parar ali, mas Vince o havia forçado. Ao ver o restaurante surgir ao longe, Vince acelerara até junto dele, ultrapassando-o a toda, e então esticara a mão para a esquerda em um gesto que a Tribo conhecia bem: *Sigam-me para fora da estrada*. Como sempre, a Tribo obedecera. Decerto mais um motivo para Race antipatizar com ele. O garoto tinha muitos motivos.

Race foi um dos primeiros a estacionar, mas o último a descer da moto. Continuou montado enquanto tirava as luvas de couro devagar, encarando os outros com raiva por trás dos óculos espelhados.

– Você deveria bater um papo com seu filho – disse Lemmy Chapman a Vince, indicando Race com a cabeça.

– Aqui, não – replicou Vince.

A conversa podia esperar até a volta para Vegas. Ele queria sair da estrada. Queria passar um tempo deitado no escuro, queria um tempo para que o embrulho no estômago passasse. Mais do que tudo, talvez, queria uma chuveirada. Apesar de não estar sujo de sangue, sentia-se contaminado, e só se sentiria bem depois de lavar o fedor daquela manhã.

Deu um passo na direção do restaurante, mas Lemmy segurou seu braço antes que ele pudesse avançar.

– Aqui, sim.

Vince olhou para a mão agarrando seu braço – Lemmy não o soltou; de todos os homens, era o único que não o temia – e em seguida para o rapaz, que já não era mais um garoto havia muito tempo. Race estava abrindo o baú sobre o pneu traseiro e revirando seus pertences em busca de algo.

– Vou falar sobre o quê? Clarke já era. O dinheiro também. Não há mais nada a fazer. Pelo menos não hoje.

– Você precisa saber se Race também acha isso, e não tomar como certo que vocês dois sempre pensam a mesma coisa. Ele tem passado oitenta por cento do tempo puto com você. E digo mais,

chefia: foi Race quem trouxe alguns desses caras e ficou colocando pilha, dizendo como iriam ficar ricos depois desse negócio com Clarke. Talvez ele não seja o único que precisa saber o que vai acontecer agora.

Lemmy olhou de relance para os outros com um ar sugestivo. Vince reparou que eles não se encaminhavam para o restaurante. Estavam fazendo hora ao redor das motos, lançando olhares para eles. Esperando algo acontecer.

Vince não queria conversar. Só de pensar já ficava exausto. Ultimamente, conversar com Race era como falar com as paredes e ele não estava com disposição para isso agora, não quando eles fugiam do que estavam fugindo.

Mesmo assim, foi até lá, pois Lemmy quase sempre tinha razão quando o assunto era a preservação da Tribo. Lemmy vinha protegendo a retaguarda de Vince desde que os dois se conheceram no delta do Mekong, naquela loucura do Vietnã. Na época, procuravam fios detonadores e bombas enterradas. Nos quase quarenta anos que se passaram, pouca coisa mudara.

Vince se afastou da moto e foi até Race, que estava em pé entre sua Harley e um caminhão-tanque e tinha achado o que procurava dentro do baú traseiro da moto: uma garrafa cheia de um líquido que parecia chá, mas não era. Vinha bebendo cada vez mais cedo, outra coisa de que Vince não gostava. Tomou um gole, limpou a boca e estendeu a garrafa para Vince, que recusou.

– Fala.

– Se a gente pegar a Rodovia 6 – disse Race –, dá para chegar em Show Low daqui a três horas. Quer dizer, isso se a sua charanga japa aguentar o tranco.

– O que tem em Show Low?

– A irmã do Clarke.

– E por que você quer falar com ela?

– Por causa da grana. Não sei se você reparou, mas a gente ficou de mãos abanando, sem os 60 mil.

– E você acha que a irmã dele vai estar com a grana?

– Já é um começo.

– Em Vegas a gente fala sobre isso e pensa nas alternativas.

– Que tal pensar nas alternativas agora? Você viu Clarke pendurado no telefone quando a gente chegou? Eu escutei um pedaço da conversa por trás da porta. Acho que ele não conseguiu falar com a irmã e deixou um recado com algum conhecido dela. Por que você acha que ele sentiu essa necessidade tão urgente de entrar em contato com aquela vadia assim que viu a gente se aproximar da casa?

Para se despedir, era a teoria de Vince, mas ele não disse isso a Race.

– Mas ela não tem nada a ver com essa história, certo? O que ela faz da vida? Fabrica cristal também?

– Não. Ela é puta.

– Que família, hein?

– Olha quem fala.

– Como assim? – questionou Vince.

O que o incomodou nem foi tanto a frase com a ofensa velada, mas seu próprio reflexo nos óculos espelhados de Race: queimado de sol, com a barba inteiramente grisalha e um aspecto chupado, enrugado e velho.

Race tornou a olhar para a estrada que cintilava no calor e não respondeu a pergunta:

– Sessenta contos viraram fumaça, não tem como ignorar isso.

– Eu não estou ignorando nada. Foi isso mesmo o que aconteceu. A grana virou fumaça.

Race e Dean Clarke se conheceram em Fallujah – ou quem sabe em Tikrit. Clarke era oficial médico especializado em gerenciamento da dor e seu tratamento preferido era administrar drogas de alta qualidade acompanhadas por generosas doses de raps de Wyclef Jean. As especialidades de Race eram dirigir jipes e não levar tiro. Quando voltaram à vida civil, os dois continuaram amigos, e um ano antes Clarke procurara Race com a ideia de montar um laboratório de metanfetamina em Smith Lake. Calculou que 60 mil eram suficientes para começar a operação e que em pouquíssimo tempo estariam faturando essa quantia por mês.

– Cristal de verdade – dissera Clarke para convencê-lo. – Nada daquela merda verde. Só cristal de verdade. – Ele erguera a mão acima da cabeça para indicar uma imensa pilha de dinheiro. – O céu é o limite, sacou?

Sacou. Vince agora achava que deveria ter pulado fora no minuto em que Clarke dissera aquilo. No mesmo segundo.

Mas não fizera isso. Apesar das dúvidas, chegara a ajudar Race com 20 mil do próprio bolso. Clarke tinha pinta de vagabundo e era levemente parecido com Kurt Cobain: cabelos louros compridos, várias camisas, uma por cima da outra. Dizia *sacou*, chamava todo mundo de *cara* e explicava como as drogas venciam o poder opressivo da metamente – o que quer que isso fosse. Surpreendia e fascinava Race com seus dons intelectuais: peças de Sartre, fitas cassete com declamação de poemas e *dubs* de reggae.

Vince não censurava Clarke por ser um intelectualoide cheio de ideias sobre a revolução espiritual, articuladas em uma linguagem imbecil meio inventada, parte viadagem, parte esperanto. O que o desconcertava era que, quando havia conhecido Clarke, ele já estava com a boca toda detonada pelo cristal: dentes caindo, gengivas manchadas. Vince não via problema em ganhar dinheiro com a droga, mas nutria uma desconfiança automática por qualquer desclassificado que a usasse.

Mesmo assim, fez o adiantamento, pois queria que algo desse certo para Race, sobretudo depois da maneira como ele fora expulso do Exército. E, durante algum tempo, enquanto Race e Clarke combinavam os detalhes da operação, Vince quase se convencera de que poderia dar certo. Por um curto período, Race pareceu adquirir uma atitude segura, quase arrogante, e chegou até a comprar um carro para a namorada, um Mustang de segunda mão, prevendo o enorme retorno que seu investimento iria gerar.

Só que o laboratório de cristal pegou fogo. E tudo virou pó em apenas dez minutos no primeiro dia da operação. Os funcionários clandestinos fugiram pelas janelas e ainda zanzavam por perto, queimados e sujos de fuligem, quando os carros de bombeiros chegaram. A maioria agora estava detida na cadeia do condado.

Race tomara conhecimento do incêndio não por Clarke, mas por Bobby Stone, outro amigo

seu do Iraque, que tinha ido a Smith Lake comprar 10 mil dólares do lendário e verdadeiro cristal, mas dera meia-volta ao ver a fumaça e as luzes piscando. Tentara localizar Clarke pelo telefone, mas não conseguira encontrá-lo nem naquela tarde nem à noite. Às onze, a Tribo já estava atrás dele rumo ao leste.

Tinham encontrado Dean Clarke em sua cabana nas montanhas, fazendo as malas para fugir. Ele disse que estava de saída para ir procurar Race e contar o que acontecera, para poderem bolar outro plano. Garantiu que iria reembolsar o que devia a todos eles. Disse que o dinheiro por enquanto estava perdido, mas que havia oportunidades, planos de contingência. E que, porra, estava arrependido pra caralho. Apenas parte daquilo era verdade – sobretudo o fato de ele estar arrependido pra caralho –, mas nada foi surpresa para Vince, nem mesmo o choro de Clarke.

O que o surpreendeu – o que surpreendeu todos eles – foi a namorada de Clarke escondida no banheiro, usando uma calcinha estampada com margaridas e um suéter de moletom com os dizeres GRÊMIO ESPORTIVO COLÉGIO CORMAN. Dezessete anos no máximo, doidaça de cristal. Ela empunhava um pequeno revólver calibre 22. Estava escutando quando Roy Klowes perguntou a Clarke se ela estava na área:

– Se a piranha de Clarke pagar um boquete para cada um – bradou ele –, a gente reduz a dívida em 200 pratas aqui mesmo.

Roy tinha entrado no banheiro botando o pau para fora para dar uma mijada, mas a garota pensou que ele estivesse fazendo isso por outros motivos e atirou. A primeira bala passou longe e a segunda acertou o teto, porque a essa altura Roy já a apunhalava com o seu facão.

– Tenho certeza de que ele perdeu parte do dinheiro – falou Race, de volta ao presente. – Pode até ter perdido metade do que a gente deu para ele. Mas se você acha que Dean Clarke investiu todos os 60 mil naquele trailer, não posso fazer nada para ajudar.

– Talvez ele tenha mesmo guardado parte da grana. Não estou dizendo que você está errado. Só não entendo por que o dinheiro estaria com a irmã dele. Poderia muito bem estar dentro de um vidro de conserva enterrado em algum lugar no quintal. Não vou atormentar uma pobre de uma prostituta só por diversão. Agora, se a gente descobrir que ela ganhou um dinheiro de uma hora para outra, aí já é outra história.

– Eu levei seis meses para montar essa operação. E não sou o único que tem muito em jogo.

– Tá bom. Lá em Vegas a gente conversa sobre como resolver essa história.

– Conversar não vai resolver nada. A gente tem que pegar a estrada. Hoje a irmã dele está em Show Low, mas quando ela descobrir que aquela cabana lá nas montanhas ficou pintada de cima a baixo com o sangue do irmão e da namoradinha dele...

– Fala baixo – censurou Vince.

Lemmy os observava com os braços cruzados alguns metros à esquerda de Vince, mas pronto para intervir caso precisasse. Os outros estavam reunidos em grupos de dois ou três, desgrenhados e sujos da estrada, usando jaquetas de couro ou jeans decorados com o emblema do bando: uma caveira com um cocar indígena acima dos dizeres ***A Tribo – Viver na estrada, morrer na estrada***. Eles sempre tinham sido a Tribo, embora nenhum deles fosse índio – com

exceção de Peaches, que alegava ser meio cheroqui, isso quando não estava a fim de dizer que era meio espanhol ou meio inca. Segundo Doc, ele podia ser até meio esquimó e meio viking, mas continuaria sendo um total retardado.

– O dinheiro já era – afirmou Vince. – Os seis meses também. *Aceite isso*.

O filho continuou parado sem dizer nada, com os músculos do maxilar retesados. A mão direita que segurava a garrafa tinha os nós dos dedos brancos. Ao olhar para ele agora, a mente de Vince foi tomada de súbito por uma imagem de Race aos 6 anos, com o rosto tão encardido de poeira quanto agora, brincando no caminho de cascalho em frente à casa, montado em seu grande triciclo verde e imitando o barulho de um acelerador. Vince e Mary não conseguiam parar de rir, sobretudo da expressão intensa e contraída no rosto do menino, um guerreiro de jardim de infância sobre rodas. Não conseguia ver graça na situação agora, não duas horas depois de Race ter partido ao meio a cabeça de outro homem com uma pá. O garoto sempre fora rápido e tinha sido o primeiro a pegar Clarke quando ele tentara fugir em meio à confusão depois que a menina começou a atirar. Talvez não tivesse tido a intenção de matar. Race só o acertara uma vez.

Vince abriu a boca para falar algo, mas não havia mais nada a dizer. Virou as costas e começou a andar em direção ao restaurante. Não tinha subido nem três degraus, porém, quando ouviu alguma coisa espatifar-se atrás de si. Voltou-se e viu que Race arremessara a garrafa contra a lateral do caminhão-tanque, no lugar exato em que Vince estivera apenas cinco segundos antes. Talvez tivesse atingido a sombra de Vince.

Uísque e cacos de vidro escorreram pelo tanque surrado. Vince ergueu os olhos e seu rosto se contraiu involuntariamente diante do que viu. Havia algo escrito na lateral com molde vazado. Por um instante, Vince achou que fosse SLAUGHTERIN e o que lhe saltou aos olhos foi a palavra *slaughter* – "massacre". Mas sua mente o enganara. Era apenas LAUGHLIN. Seu conhecimento sobre Freud se resumia a menos de vinte palavras – barbicha branca bem-cuidada, charuto, achava que os filhos queriam trepar com as mães –, porém não era preciso ser um grande especialista em psicanálise para reconhecer as engrenagens de um inconsciente cheio de culpa. Vince teria até rido, se não tivesse visto o que aconteceu em seguida.

O caminhoneiro estava sentado na boleia. Na mão pendurada para fora da janela, havia um cigarro aceso preso entre dois dedos. A meio caminho do antebraço, uma tatuagem desbotada com as palavras ANTES A MORTE DO QUE A DESONRA informava que ele era um veterano do Exército, fato que Vince registrou de modo um tanto distraído e logo arquivou, talvez para consideração futura, talvez não. Tentou pensar no que o cara poderia ter escutado e avaliar se havia algum perigo ou uma necessidade premente de arrancá-lo de seu caminhão e lhe explicar uma ou duas coisinhas.

Ainda estava pensando nisso quando o semirreboque ganhou vida com um barulho alto e um fedor de escapamento. O motorista jogou o cigarro no chão do estacionamento e soltou os freios pneumáticos. Os canos de descarga cuspiram uma fumaça preta de óleo diesel e o caminhão começou a se mover, esmagando o cascalho. Ao ver o veículo se afastando, Vince expirou longamente e sentiu a tensão começar a se dissipar. Duvidava que o cara tivesse escutado algo. Mesmo que tivesse, que importância isso tinha? Ninguém com a cabeça no lugar iria querer se

meter naquela merda. Ele devia ter percebido que fora pego escutando e decidira dar o fora enquanto podia.

Quando o caminhão de dezoito rodas entrou na autoestrada de pista dupla, Vince já havia se virado, abrindo caminho por entre seu grupo em direção ao restaurante. Menos de uma hora depois, ele tornaria a ver o veículo.

Vince foi mijar – fazia quase 50 quilômetros que estava com a bexiga estourando – e, quando voltou, passou pelos outros, já acomodados em duas mesas reservadas. Estavam todos calados e quase não emitiam som algum, com exceção do barulho dos garfos batendo nos pratos e do tilintar de copos sobre a mesa. Peaches era o único a falar, e mesmo assim sozinho. Falava aos sussurros e às vezes parecia se esquivar, como cercado por uma nuvem de insetos imaginários... uma perturbadora mania sua. O restante do grupo se atinha a seus próprios pensamentos, sem ver uns aos outros. Alguns deviam estar se lembrando do banheiro depois de Roy terminar de picar a garota em pedaços. Outros talvez estivessem recordando Clarke caído de bruços no chão de terra batida em frente à porta dos fundos, de bunda para cima, com a calça cheia de merda e a pá de aço enterrada no crânio com o cabo levantado. Alguns deviam estar querendo saber se chegariam em casa a tempo de ver o programa de luta livre e se os bilhetes de loteria que haviam comprado na véspera seriam premiados.

A viagem de ida até a casa de Clarke fora diferente. Melhor. A Tribo tinha parado logo depois de o sol nascer em um restaurantezinho bem parecido com aquele. Embora o clima não fosse festivo, eles falaram várias bobagens, e uma quantidade razoável de gargalhadas previsíveis acompanhara o café e as rosquinhas. Doc havia se sentado em uma mesa reservada para fazer palavras cruzadas e os outros acomodaram-se à sua volta, olhando por cima de seu ombro e fazendo piada sobre a honra que era estar ao lado de um homem tão culto. Como a maioria deles, Doc já estivera na prisão e tinha um dente de ouro na boca no lugar de outro arrancado pelo cassetete de um policial alguns anos antes. No entanto, seus traços eram finos, quase nobres, e ele usava óculos bifocais, lia jornais e sabia coisas como a capital do Quênia ou quem lutara contra quem na Guerra das Rosas. Roy olhou de esguelha para as palavras cruzadas de Doc:

– O que eu preciso é de palavras cruzadas com perguntas sobre como consertar motos ou arrumar mulher. Tipo: em seis letras, Doc, o que vou fazer com a sua mãe? Essa eu saberia responder.

Doc franziu a testa.

– Eu diria “repelir”, mas tem sete letras. Então acho que a minha resposta seria “enojar”.

– Enojar? – indagou Roy, coçando a cabeça.

– Isso. Você enoja a minha mãe. Ou seja, quando você aparece ela fica com vontade de vomitar.

– Sim, e é justamente isso que me deixa puto. Porque eu vivo tentando ensinar sua mãe a engolir quando estou *enojando* com ela.

E os homens quase caíram da cadeira de tanto rir. Riram muito também na mesa ao lado,

onde Peaches tentava explicar por que tinha resolvido fazer vasectomia:

– Eu me convenci quando vi que só precisaria pagar por uma vasectomia na vida... coisa que não se pode dizer em relação ao aborto. Em teoria, nesse caso não existe limite. Limite *nenhum*. Cada esporrada é uma bomba orçamentária em potencial. Você só percebe isso quando já teve que bancar um ou dois e começa a pensar que podia estar usando o dinheiro com outra coisa. Além disso, o relacionamento nunca mais é o mesmo depois que você joga um bebê na privada e dá a descarga. Não mesmo. Ouçam a voz da experiência. – Peaches não precisava contar piadas: já era engraçado o suficiente dizendo apenas o que lhe passava pela cabeça.

Agora, Vince passou pelo grupo exausto e de olhos vermelhos e foi se sentar em uma banqueta no balcão ao lado de Lemmy.

– O que você acha que a gente deveria fazer quando chegar a Vegas? – perguntou.

– Fugir – respondeu Lemmy. – Não dizer a ninguém para onde estamos indo. Nunca mais olhar para trás.

Vince riu, porém Lemmy continuou sério e levou a xícara de café em direção à boca. Mas parou no meio do caminho e a ficou encarando por alguns segundos antes de voltar a depositá-la no balcão.

– Algum problema com o café? – indagou Vince.

– O problema não é o café.

– Não vai me dizer que está falando sério sobre fugir?

– Não seria só a gente, amigão. Aquilo que Roy fez com a menina no banheiro...

– Ela quase atirou nele – retrucou Vince, com uma voz tão baixa que ninguém mais pôde escutar.

– Ela só tinha 17 anos.

Vince não respondeu, e de qualquer forma Lemmy não esperava resposta.

– A maioria destes caras aqui nunca viu nada tão pesado assim e acho que uma porção deles... os mais inteligentes... vai se espalhar aos quatro ventos assim que tiver oportunidade. Arrumar um novo objetivo de vida. – Vince tornou a rir, mas Lemmy apenas o olhou de esguelha. – Escuta o que vou dizer, capitão. Eu matei meu irmão dirigindo bebaço aos 18 anos. Quando acordei, dava para sentir o cheiro do sangue dele me cobrindo todinho. Tentei me matar no Corpo de Fuzileiros Navais para me redimir, mas os caras de pijama preto não quiseram me ajudar. E o que mais lembro da guerra é o cheiro dos meus próprios pés quando ficavam podres de frieira. Era como andar com uma privada dentro das botas. Já estive na cadeia, assim como você, e o pior não foram as coisas que fiz ou vi fazerem. O pior era o fedor de todo mundo. Cecê, cheiro de merda... tudo isso era ruim. Mas nada chegava nem perto dessa parada Charles Manson da qual a gente está fugindo. O que não consigo esquecer é como aquele lugar fedia. Depois que acabou, era como ficar trancado num armário onde alguém tivesse largado um barro. Não tinha ar suficiente, e o que tinha não dava para respirar. – Ele fez uma pausa e se virou na banqueta para olhar para Vince de viés. – Quer saber no que andei pensando desde que a gente foi embora de lá? Lon Refus se mudou para Denver e abriu uma oficina de carros. Me mandou um postal dos Flatirons. Andei pensando: quem sabe ele precisa de um coroa para usar uma chave inglesa? Eu poderia me acostumar com o cheiro dos pinheiros.

Ele se calou de novo, então desviou o olhar para os outros homens sentados diante das mesas.

– A metade que não se mandar, de uma forma ou de outra, vai tentar recuperar o que perdeu, e você não vai querer participar do que eles vão fazer para conseguir. Porque a porra dessa loucura de meth vai continuar. Está só começando. A gente está só no pedágio para entrar na via expressa. Tem dinheiro demais na jogada para desistir. Todo mundo que vende também usa e só faz merda. A menina que tentou atirar em Roy estava drogada, por isso tentou matar o cara. E o próprio Roy também estava drogado, por isso enfiou aquela porra de facão nela quarenta vezes, caralho. Aliás, puta merda, quem mais andaria por aí com um facão a não ser um viciado em meth?

– Nem entra nesse assunto do Roy. Minha vontade é enfiar a Little Boy no cu dele e ver a luz sair pelos olhos – retrucou Vince, e Lemmy riu. Arrumar usos insanos para Little Boy era uma das piadas recorrentes entre eles. – Vamos lá. Diz o que você tem a dizer. Faz uma hora que está pensando nisso.

– Como é que você sabe?

– Acha que eu não sei o que significa quando você fica sentado bem reto na moto?

Lemmy grunhiu.

– Mais cedo ou mais tarde, a polícia vai chegar em Roy ou num desses outros viciados e eles vão sair carregando todo mundo que estiver em volta. Porque Roy e outros caras tipo ele não têm inteligência suficiente para se livrar das merdas que roubaram na cena do crime. Nenhum deles tem inteligência suficiente nem para não se gabar do que fazem com as namoradas. Porra. Metade deles está com uma pedra no bolso neste exato momento. É isso que eu queria falar.

Vince esfregou uma das mãos na lateral da barba.

– Você está falando de uma metade que vai se mandar e de outra que não vai. Em que metade Race está?

Lemmy virou a cabeça e deu um sorriso triste, fazendo aparecer outra vez o dente lascado.

– Eu preciso mesmo responder?

O caminhão com LAUGHLIN escrito na lateral subia com dificuldade um aclive quando eles o alcançaram, por volta das três da tarde.

A rodovia subia preguiçosamente, serpenteando uma encosta comprida com uma série de curvas bem fechadas. Tantas curvas dificultavam a ultrapassagem. Race estava na frente outra vez. Depois de saírem do restaurante, partira a toda velocidade, aumentando tanto a distância em relação ao resto da Tribo que às vezes Vince chegava a perdê-lo de vista. Quando chegaram ao caminhão, porém, seu filho estava colado ao para-lama do sujeito.

Os dez foram subindo a encosta no encalço escaldante do caminhão-tanque. Nos olhos de Vince, começaram a se formar lágrimas, que escorriam.

– Porra de caminhão! – gritou ele, e Lemmy assentiu. Sentia os pulmões congestionados, seu peito doía de tanto respirar a fumaça do escapamento e era difícil enxergar. – Tira a merda dessa jamanta da frente!

Alcançar o caminhão ali tinha sido uma surpresa. Não estavam tão longe assim do

restaurante... uns 30 quilômetros no máximo. Laughlin devia ter passado algum tempo parado em outro lugar – só que não havia nenhum outro lugar. Talvez tivesse parado na sombra de um outdoor para tirar um cochilo ou tivesse furado um pneu e precisado parar e trocar. Isso tinha importância? Não. Vince nem sabia por que estava pensando nisso, mas a dúvida não lhe saiu da cabeça.

Logo depois da curva seguinte, Race inclinou sua Softail Deuce em direção à pista contrária, abaixou a cabeça e acelerou de 50 para 110. A moto meio que afundou e depois *deu um salto*. Assim que concluiu a ultrapassagem, ele voltou para a pista da direita, fechando o caminhão, bem na hora em que um Lexus amarelo-claro passou zunindo em sentido contrário. A motorista do Lexus buzinou, mas seu *biii-biii* foi quase imediatamente engolido pelo ruído ensurdecedor da buzina pneumática do caminhão.

Vince avistara o Lexus se aproximando e por um instante tivera certeza de que veria o filho colidir de frente com ele. Seu coração quase saiu pela boca e ele levou um bom tempo para se acalmar.

– Maluco da porra! – gritou Vince para Lemmy.

– Quem? O cara do caminhão? – perguntou Lemmy aos berros quando o estrondo da buzina pneumática enfim se dissipou. – Ou Race?

– Os dois!

Quando o caminhão fez a curva seguinte, porém, Laughlin pareceu cair em si, ou então finalmente olhara pelo retrovisor e vira o resto da Tribo colado à sua traseira. Pôs a mão para fora da janela – queimada de sol e cheia de veias, com nós grandes e dedos grossos – indicando que podiam passar.

Na mesma hora, Roy e mais dois contornaram pela esquerda e ultrapassaram rugindo. Os outros foram atrás em duplas. Agora que o caminho estava livre, era moleza; o caminhão subia a menos de 50 por hora. Vince e Lemmy foram os últimos e passaram logo antes da curva fechada que vinha a seguir. Vince lançou um olhar para cima na direção do motorista, mas não conseguiu ver nada, exceto a mão bronzeada. Cinco minutos depois, tinham deixado o caminhão tão para trás e já não dava para escutá-lo.

Seguiu-se um trecho de estrada aberta no meio do deserto, com arbustos, cactos e montanhas rochosas riscadas em tons esmaecidos de amarelo e vermelho. Estavam de frente para o sol agora, perseguidos pelas próprias sombras, cada vez mais compridas. Algumas casas e uns poucos trailers passaram borrados quando eles atravessaram algo que mal se podia chamar de povoado. As motos se espalhavam por quase um quilômetro, com Vince e Lemmy por último. Pouco depois do povoado, porém, Vince viu a Tribo reunida no acostamento da estrada logo antes de um cruzamento – a entrada para a Rodovia 6.

A oeste, a rodovia que eles vinham seguindo virava uma pista de terra batida. Uma placa laranja em forma de losango informava OBRAS – PRÓXIMOS 30 KM PARADAS FREQUENTES. Ao longe, Vince pôde ver caminhões de entulho e uma niveladora de asfalto. Operários trabalhavam em meio a nuvens de fumaça vermelha, a terra argilosa revolvida por toda a área plana.

Ninguém sabia que haveria obras naquele trecho da estrada, pois não tinham vindo por ali. Fora Race quem sugerira voltar pelas estradas secundárias e Vince concordara. Na fuga de um

duplo homicídio, manter-se discreto parecia uma boa ideia. É claro que não fora isso que motivara Race.

– O que aconteceu? – perguntou Vince, diminuindo a velocidade e pondo o pé no chão, como se já não soubesse.

Race apontou para o lado oposto da obra, em direção à Rodovia 6.

– Se a gente pegar a 6 na direção sul, vamos cruzar a I-40.

– Em Show Low – completou Vince. – Por que será que isso não me espanta?

– Muito melhor do que atravessar aquela merda por 30 quilômetros a 10 por hora – retrucou Roy, indicando os caminhões de entulho com o polegar. – Não, obrigado. Prefiro ir voado e quem sabe pôr a mão em 60 mil pelo caminho. É isso que eu acho.

– Doeu ter essa ideia? – perguntou Lemmy a Roy. – Ouvi dizer que da primeira vez dói. Como uma menina que perde o cabaço.

– Vá se foder, Lemmy – vociferou Roy.

– Quando eu quiser sua opinião, Roy, pode deixar que eu peço – replicou Vince. – Mas pode esperar sentado.

Foi a vez de Race falar, e sua voz soou calma e racional.

– Quando a gente chegar em Show Low, vocês não precisam ficar. Nenhum dos dois. Ninguém vai achar ruim se quiserem seguir em frente.

Era isso, então.

Vince encarou os homens à sua frente, um de cada vez. Os jovens sustentaram seu olhar. Os mais velhos, os que andavam de moto com ele havia décadas, não.

– Fico feliz de saber que ninguém vai achar ruim – comentou ele. – Estava preocupado.

Uma lembrança lhe veio à mente então: estava de carro com o filho à noite, na época em que tentava levar uma vida honesta, ser um homem de família e um bom marido para Mary. Os detalhes da viagem haviam se perdido; não conseguia recordar de onde vinham ou para onde iam. Ele se lembrava da visão, pelo retrovisor, do rosto encardido e emburrado do filho de 10 anos. Tinham parado em um trailer de hambúrgueres, mas o menino não quisera jantar, alegando não estar com fome. Depois batera o pé, desejando um picolé, e reclamara quando Vince lhe trouxera um de limão em vez de uva. Não quis chupar o picolé e o deixou derreter sobre o banco de couro. Por fim, quando já se encontravam a mais de 30 quilômetros do trailer, Race anunciara que estava com a barriga roncando.

Vince então olhara pelo retrovisor e falara: "Eu não sou obrigado a gostar de você só porque sou seu pai, sabia?" E o menino sustentara seu olhar com o queixo tremendo, lutando para não chorar, mas sem querer desviar o rosto. Retribuíra o olhar de Vince com olhos brilhantes e cheios de ódio. Por que Vince tinha dito aquilo? Passou-lhe pela cabeça que, se tivesse encontrado outro jeito de conversar com Race, ele não teria ido para Fallujah nem teria sido dispensado com desonra por abandonar seu pelotão e fugir em um jipe enquanto choviam morteiros. Não teria havido Dean Clarke nem laboratório de meth, e o garoto não precisaria disparar a 110 por hora naquela sua motinho cheia de onda quando todos os outros estavam indo a 100. Era ele que o garoto tentava deixar para trás. Havia passado a vida inteira tentando.

Vince olhou na direção de onde tinham vindo, estreitou os olhos... e lá estava outra vez o

maldito caminhão: pôde vê-lo através das ondas tremeluzentes do calor na estrada, de modo que lhe pareceu quase uma miragem, com seus imensos canos de descarga e sua grade dianteira prateada. Distraído por um instante, Vince franziu a testa e se perguntou outra vez como haviam conseguido alcançar e ultrapassar um sujeito que tinha quase uma hora de dianteira em relação a eles.

Quando Doc falou, sua voz soou quase tímida, como se pedisse desculpas:

– Talvez seja o melhor a fazer, chefia. Com certeza é melhor do que passar 30 quilômetros juntando poeira.

– Bem, longe de mim querer que algum de vocês se suje – retrucou Vince.

Então, ele saiu do acostamento, acelerou e virou à esquerda na 6, conduzindo-os para Show Low.

Atrás dele, ao longe, ouviu o caminhão mudar de marcha e o rugido do motor aumentar de volume e intensidade, emitindo um débil chiado ao ecoar pela planície.

A paisagem era pura pedra, vermelha e amarela, e eles não passaram por ninguém na estrada estreita de duas pistas. Nada de acostamento. Chegaram ao topo de uma encosta e começaram a descer rumo à fenda de um cânion. À esquerda havia um velho *guard-rail* e, à direita, um paredão de pedra quase vertical.

Durante algum tempo, Vince seguiu na frente junto com Lemmy, mas depois Lemmy ficou para trás e Race chegou ao seu lado; pai e filho avançaram juntos, com o vento soprando os cabelos pretos de Race. O sol, agora a oeste, ardia nas lentes dos óculos do garoto.

Vince passou alguns instantes a observá-lo com o canto dos olhos. Race era magro, musculoso e até mesmo seu modo de sentar na moto parecia um ato de agressão, assim como a maneira de ele fazer as curvas, inclinando-se em um ângulo de 45 graus em relação ao asfalto. Invejava a graça atlética natural do filho, mas, ao mesmo tempo, Race conseguia fazer o ato de andar de moto parecer um esforço. Vince, por sua vez, havia escolhido a moto pelo fato de não dar o menor trabalho. Perguntou-se distraidamente se o garoto em algum momento se sentia à vontade consigo mesmo e com o que fazia.

Vince escutou o estrondo áspero de um grande motor atrás de si e deu uma olhada preguiçosa por cima do ombro bem a tempo de ver o caminhão descendo a toda para cima deles, como um leão que surge de repente junto a um despreocupado bando de gazelas que está matando a sede. Como sempre, a Tribo seguia em grupos, fazendo as curvas fechadas a 70 por hora, talvez, enquanto o caminhão descia a quase 100. *Ele não está diminuindo*, ainda teve tempo de pensar Vince antes de Laughlin derrubar os três motoqueiros que estavam no fim da fila com um impacto ensurdecedor de aço contra aço.

Motos voaram pelos ares. Uma Harley foi arremessada contra o paredão de pedra e seu piloto – John Kidder, às vezes chamado de Baby John – foi catapultado longe, arremessado contra a pedra, ricocheteando e desaparecendo sob os gigantescos pneus de Laughlin. Um segundo motoqueiro (*Doc, ah, não, Doc, não!*) foi empurrado para a pista da esquerda. Vince teve um brevíssimo vislumbre do rosto pálido e aturdido de Doc, com a boca aberta formando um O, e

do cintilar do dente de ouro do qual ele tanto se orgulhava. Com a moto descontrolada, Doc bateu no *guard-rail* e foi projetado por cima do guidom para o vazio. Sua Harley deu uma cambalhota e também foi arremessada; o baú se abriu, espalhando roupa suja por todos os lados. O caminhão passou por cima das motos caídas e as engoliu. A imensa grade dianteira parecia rosnar.

Então Vince e Race fizeram outra curva fechada lado a lado e deixaram tudo para trás.

O sangue inundou o coração de Vince e, por um instante, ele sentiu um aperto perigoso no peito. Precisou lutar para conseguir inspirar. No mesmo instante em que o massacre saiu de seu campo de visão, foi difícil acreditar que aquilo estivesse acontecendo. Difícil acreditar também que as motos que saíram voando não tivessem acertado o caminhão desabalado. No entanto, ele mal acabara de fazer a curva quando Doc se espatifou na estrada à sua frente. A moto caiu por cima de seu corpo com um barulho metálico que ecoou pelo cânion. As roupas vieram flutuando atrás. O colete jeans passou voando por último e se abriu feito um balão, sustentado por uma súbita rajada de vento. Acima de um contorno do país vietnamita bordado em dourado estava escrito: QUANDO EU CHEGAR NO CÉU VÃO ME DEIXAR ENTRAR PORQUE EU JÁ ESTIVE NO INFERNO – TRIÂNGULO DE FERRO 1968. Tudo isso aterrisou 20 metros abaixo, na mesma estrada sinuosa por onde eles desciam.

Vince deu um tranco no guidom para desviar da moto espatifada e raspou o asfalto cheio de remendos com o calcanhar de uma das botas. Doc Regis, seu amigo havia trinta anos, tinha virado uma palavra de cinco letras, sinônimo de lubrificante: *graxa*. Estava de bruços, mas os dentes cintilavam no meio de uma papa sanguinolenta junto à orelha esquerda, inclusive o de ouro. Os ossos das canelas tinham saído pela parte de trás das pernas, tocos vermelhos e brilhantes a despontar do jeans. Vince viu tudo em uma fração de segundos e logo em seguida desejou poder *des*-ver. Teve uma ânsia de vômito e, quando engoliu a saliva, pôde sentir a queimação da bile.

Race contornou os destroços do que eram Doc e sua moto e olhou para o lado em direção ao pai. Embora Vince não conseguisse ver os olhos do filho por trás dos óculos, seu rosto demonstrava rigidez, choque... a mesma expressão de uma criança pequena cuja hora de dormir já passou e que acaba de surpreender os pais assistindo a um medonho filme de terror.

Vince viu o restante da Tribo fazer a curva logo atrás. Agora eram apenas sete. O caminhão vinha rugindo atrás, tão depressa que o tanque comprido que rebocava oscilou para um dos lados, por pouco não virando, e os pneus soltaram fumaça no asfalto. O gigante voltou a se endireitar e continuou a toda, dessa vez acertando Ellis Harbison, que foi catapultado como se tivesse pulado de um trampolim. Pareceu quase cômico, balançando os braços contra o azul do céu – pelo menos até cair e entrar debaixo do caminhão. Sua moto rodopiou antes de ser atirada para o lado.

Vince teve uma breve visão de Dean Carew quando o caminhão o alcançou, batendo no pneu traseiro da moto, que perdeu aderência. Ele caiu com força e rolou pela rodovia a 80 quilômetros por hora, com o asfalto a lhe arrancar a pele e a cabeça batendo várias vezes no chão, deixando uma série de marcas vermelhas na faixa branca da pista.

Um segundo depois, o caminhão-tanque devorou a moto rebaixada de Dean, que ele nem terminara de pagar. *Bum, pá, crac*, e ela explodiu, um paraquedas de chamas se abrindo debaixo do chassi. Vince sentiu nas costas uma onda de pressão e calor, que o empurrou para a frente, quase levantando-o do assento. Pensou que o próprio caminhão fosse se incendiar também e ser projetado para fora da estrada quando o tanque explodisse em uma coluna de fogo. Mas isso não aconteceu. Ele irrompeu rugindo pelas chamas, apenas com as laterais manchadas de fuligem, soltando uma fumaça preta por baixo da carroceria, e mais veloz do que nunca. Vince sabia que os caminhões da Mack andavam depressa, os novos tinham uma verdadeira usina de 485 cavalos de potência, mas aquele ali era fora do comum.

Vince ia rápido demais e sentiu o pneu dianteiro começar a perder aderência. Eles agora se aproximavam do fim da descida, onde a estrada se aplainava. Race estava um pouco mais à frente. Pelo retrovisor, Vince viu os outros sobreviventes: Lemmy, Peaches, Roy. E o caminhão ficava cada vez mais perto.

Poderiam deixá-lo para trás em uma subida – em um piscar de olhos –, mas ali *não havia* nenhuma subida. Não nos próximos 30 quilômetros, se não lhe falhava a memória. Peaches seria o próximo. Peaches, que era mais engraçado quando tentava ser sério. Ele olhou aterrorizado sobre o ombro e Vince soube o que estava vendo: uma montanha cromada avançando para cima dele.

Pensa em alguma coisa, porra. Tira os caras dessa.

Só ele poderia ajudar. Race ainda avançava bem, mas estava em piloto automático, com o rosto petrificado e fixo à frente como se sofresse de um torcicolo e usasse um colar cervical. Foi então que algo ocorreu a Vince – um pensamento terrível, mas curiosamente seguro –, de que aquela fora a expressão de Race ao fugir dos homens de seu pelotão em Fallujah enquanto os tiros de morteiros choviam à sua volta.

Peaches aumentou a velocidade e se afastou um pouco do caminhão, que buzinou como se estivesse frustrado – ou rindo. De qualquer forma, o velho Georgia Peach só fizera adiar o momento de sua execução. Vince pôde ouvir o caminhoneiro – talvez um homem chamado Laughlin, talvez um demônio saído do inferno – mudar de marcha. *Meu Deus, quantas marchas esse cara tem? Cem?* A distância entre ele e Peaches começou a diminuir. Vince não achava que Peaches fosse conseguir dar outro impulso. Aquela sua Beezer de índio já tinha dado tudo de si e, se uma junta de cabeçote estourasse, só iria facilitar o trabalho do caminhão.

BIII! BIII! BIII-BIII-BIII!

A buzina pareceu estilhaçar um dia que já estava irrecuperavelmente destruído... mas deu uma ideia a Vince. Dependeria de onde estivessem. Ele conhecia aquela estrada. Conhecia todas as estradas daquela região, mas fazia anos que não passava por ali.

Roy lançou para trás algo que cintilou ao sol. O objeto atingiu o para-brisa sujo de Laughlin e saiu voando. Era a porra do facão. O caminhão continuou a toda, soltando colunas de fumaça negra, e o motorista largou a mão na buzina outra vez...

BIII-BIII! BIII! BIII-BIII-BIII!

...em rajadas que soavam estranhamente como um código Morse.

Tomara que... meu Deus do céu, tomara que...

Sim! Logo à frente surgiu uma placa tão imunda que era quase ilegível: CUMBA 3KM.

Cumba. Maldita Cumba. Uma cidadezinha mineradora caquética no flanco de uma colina, onde devia haver cinco ruas de terra e um único velhote vendendo mantas navajo fabricadas no Laos.

Três quilômetros não eram grande coisa quando já se estava a 130 por hora. Teria que ser rápido e só haveria uma chance.

Os outros debochavam da moto de Vince, mas só o desprezo de Race tinha motivo para fazer isso. Era uma Vulcan 800 da Kawasaki reformada, com canos Cobra e um banco feito sob medida, vermelho como um hidrante, que certa vez Dean Carew apelidara de "o sofá do vovô".

"Vai tomar no cu", retrucara Vince, indignado, e quando Peaches – solene como um pastor protestante – dissera "Tenho certeza de que esse banco vai mesmo tomar no cu", todos desataram a rir.

A Tribo chamava a Vulcan de "charanga japa" e "Tojo Mojo El Rojo de Vince". Doc – o mesmo que agora jazia despedaçado, espalhado pela estrada atrás deles – gostava de chamá-la de "Miss Fujiyama". Vince apenas sorria, como se soubesse algo que eles desconheciam. Talvez até soubesse, mesmo. Já tinha batido 190 com a Vulcan e parado por aí. Ficara com medo. Race não teria ficado, mas ele era jovem, e os jovens precisavam saber onde terminavam as coisas. Para Vince, 190 haviam bastado, mas ele sabia que podia ir além. Agora descobriria até quanto.

Segurou a manopla do acelerador com força e a girou completamente, até o fim.

A Vulcan reagiu não com um rosnado, mas com um grito, e quase saiu voando de baixo dele. Vince teve um vislumbre do rosto do filho antes de ultrapassá-lo e assumir a dianteira montado em um foguete, com os cheiros do deserto a lhe inundar as narinas. Mais à frente, um pequeno trecho de asfalto sujo seguia à esquerda: a estrada para Cumba. A Rodovia 6 prosseguia em uma curva comprida e aberta para a direita. Rumo a Show Low.

Vince olhou pelo retrovisor direito e viu que os demais haviam se aproximado e que Peaches continuava em pé. O caminhão já poderia muito bem tê-lo atingido – e talvez todos os outros –, mas devia estar se contendo um pouco, sabendo tão bem quanto ele que não haveria subida nenhuma nos próximos 30 quilômetros. Depois da entrada para Cumba, a rodovia era uma pista elevada, com *guard-rails* de ambos os lados; Vince pensou com pesar no corredor de um matadouro. Pelos 30 quilômetros seguintes, Laughlin seria o dono da estrada.

Por favor, isso tem que funcionar.

Ele soltou o acelerador e começou a apertar o freio de mão de maneira ritmada. O que os quatro atrás dele viram (se é que estavam olhando) foi uma piscada longa... uma piscada curta... outra piscada curta. Depois uma pausa. Então a sequência se repetiu. Longa... curta... curta. A buzina pneumática do caminhão lhe dera a ideia. Agora, Vince usava a luz de freio para se comunicar em código Morse.

Era a letra D, para indicar "direita".

Roy e Peaches talvez entendessem; Lemmy, com certeza. Mas e Race? Será que ainda ensinavam código Morse hoje em dia? Será que o garoto tinha aprendido isso naquela guerra lá dele, onde líderes de pelotão usavam GPS e bombas acompanhavam a curvatura da Terra guiadas por satélite?

A entrada para Cumba se aproximava à esquerda. Vince só teve tempo de transmitir o D mais uma vez. Agora estava de novo quase na mesma altura dos outros. Esticou a mão indicando a esquerda em um gesto que a Tribo conhecia bem: *Sigam-me para fora da estrada*. Laughlin viu o sinal – como Vince esperava que veria – e aumentou a velocidade. Ao mesmo tempo que ele fez isso, Vince tornou a girar o acelerador. A Vulcan gritou e deu um pulo para a frente. Ele caiu para a direita, seguindo a estrada principal. Os outros foram atrás. Mas não o caminhão. Laughlin já tinha começado a entrar na estrada secundária para Cumba. Se tivesse tentado corrigir o curso para continuar pela estrada principal, teria feito o veículo capotar.

Vince sentiu uma imensa alegria e, como por reflexo, fechou o punho esquerdo para fazer o gesto da vitória. *A gente conseguiu! Conseguiu, porra! Quando ele der meia-volta com aquela jamanta, a gente já vai estar a 15 quilômetros da...*

O pensamento se partiu feito um graveto quando ele tornou a olhar pelo retrovisor. Havia apenas três motos atrás dele: Lemmy, Peaches e Roy.

Vince girou o corpo para a esquerda, ouvindo os velhos ossos das costas estalarem, mas já sabia o que iria ver. E viu o caminhão arrastando atrás de si um imenso rastro de poeira vermelha, viu seu tanque opaco de tanta sujeira. E algo brilhava uns 50 metros mais à frente: os canos cromados e o motor de uma Softail Deuce. Ou Race não entendia código Morse ou não acreditara no que vira – talvez simplesmente nem tivesse visto. Vince recordou a expressão petrificada no rosto do filho e pensou que a última alternativa era a mais provável. Race tinha parado de prestar atenção nos outros – tinha parado de *vê-los* – na mesma hora em que entendera que Laughlin não era apenas um veículo desgovernado, mas um caminhão decidido a matá-los. Tivera apenas consciência suficiente para ver o gesto da mão de Vince, mas todo o resto se perdera. O que seria aquilo? Pânico? Ou uma espécie de egoísmo animal? Ou será que lá no fundo os dois eram a mesma coisa?

A Harley de Race sumiu atrás de um morro baixo e o caminhão desapareceu atrás dele. Vince tentou organizar os pensamentos caóticos e ordená-los de alguma forma coerente. Sabia que era exigir demais de sua memória; já fazia uns dois anos que não passava por aquela região. Mas se ela estivesse correta mais uma vez, a estradinha que passava por Cumba fazia outra curva antes de se juntar de novo à Rodovia 6, uns 15 quilômetros mais à frente. Se Race conseguisse manter a dianteira...

Só que...

Só que, a menos que algo houvesse mudado, a estrada depois de Cumba virava terra batida e naquela época do ano tendia a ficar arenosa. O caminhão não teria problemas, mas uma moto...

As chances de Race sobreviver aos últimos 6 quilômetros daqueles 15 não eram nada boas. Por outro lado, as chances de ele cair com a Deuce e ser atropelado...

Imagens do filho tentaram dominar sua mente. Race andando de triciclo: o guerreiro do jardim de infância. Race encarando-o do banco traseiro do carro, o picolé derretendo, os olhos cheios de ódio, o lábio inferior tremendo. Race aos 18 anos, de farda, com um sorriso estampado no rosto que dizia “foda-se” a todos, disposto a tudo, com a vida arrumada.

Por último, visualizava Race morto na estrada de terra batida, como uma boneca

desconjuntada cujos pedaços permanecessem unidos só por causa da roupa de couro.

Vince espantou aquelas imagens. Elas não ajudavam em nada. A polícia tampouco ajudaria. Não *havia* polícia, não em Cumba. Se alguém visse o caminhão perseguindo a moto, talvez chamasse um agente estadual, porém o mais próximo devia estar em Show Low, tomando café, comendo torta e paquerando a garçonete enquanto escutava uma música country no jukebox.

Eles estavam sozinhos. O que não chegava a ser nenhuma novidade.

Vince acenou para a direita, em seguida cerrou o punho e socou o ar com ele. Os outros três caíram para o acostamento junto com ele, motores estalando, o ar a tremeluzir acima dos canos de descarga.

Lemmy encostou ao seu lado; tinha o rosto amarelo feito queijo, de aspecto cansado.

– Ele não viu o sinal com a luz de freio! – gritou.

– Não viu ou não entendeu! – berrou Vince. Estava tremendo. Talvez fosse só a moto pulsando debaixo dele. – Dá no mesmo! Está na hora de Little Boy!

Lemmy demorou alguns instantes para entender. Então se virou para trás e puxou as correias que prendiam o alforje direito. Ele não usava aqueles baús modernos de plástico rígido. Lemmy era da velha guarda até o fio dos cabelos.

Enquanto ele vasculhava o conteúdo, de súbito ouviu-se um rugido alto. Era Roy. Ele tinha chegado ao limite. Deu meia-volta e partiu zunindo em direção ao leste, agora com a sombra diante de si, magrelo e preto. Em seu colete de couro, lia-se uma horrenda ironia:

RECUAR NUNCA

RENDER-SE JAMAIS

– Volta aqui, Klowes, seu babaca! – berrou Peaches.

Sua mão escorregou da embreagem. A Beezer ainda engatada empinou para a frente, quase passou por cima do pé de Vince, soltou uma lufada de gasolina e morreu. Peaches quase foi jogado longe, mas não pareceu notar. Ainda fitava o ponto em que Roy sumira. Sacudiu o punho no ar; seus cabelos grisalhos escassos esvoaçaram ao redor do crânio comprido e estreito.

– Volta aqui, seu amarelão BABACAAAAA!

Mas Roy não voltou. Roy nem sequer *olhou* para trás.

Peaches se virou para Vince. Lágrimas escorriam pelo rosto castigado por um milhão de viagens de moto e dez milhões de cervejas. Nesse momento, ele parecia mais velho do que o deserto ao redor.

– Vince, você é mais forte do que eu, mas o meu cu é maior. Arranca a cabeça dele! Pode deixar que da cagada no pescoço eu me encarrego.

– Rápido! – gritou Vince para Lemmy. – Rápido, porra!

Depois de certa demora, seu velho companheiro de estrada se endireitou segurando Little Boy na mão enluvada.

A Tribo não andava armada. Motoqueiros fora da lei como eles nunca andavam. Todos tinham ficha corrida e qualquer policial de Nevada ficaria feliz em condená-los a trinta anos por porte ilegal. Eles tinham facas, mas de nada adiantavam naquela situação – exceto quando se tratava de matar menininhas chapadas usando moletons de colégio. Vide o que acontecera com o facão de Roy, que se revelara tão inútil quanto o dono.

Little Boy, por sua vez, embora não fosse propriamente legalizada, não era uma arma. E o único policial que a vira, durante uma "revista de drogas" – os vermes só faziam isso: era seu objetivo de vida –, olhara para Lemmy com desprezo quando ele explicara que era mais confiável do que um sinalizador de estrada em caso de pane noturna. Talvez o policial soubesse o que estava vendo, talvez não, mas sabia que Lemmy era veterano de guerra. Não só por causa da placa de veterano em sua moto – que poderia ter sido roubada –, mas porque ele mesmo também era um veterano. "Vale de Au Shau, onde a merda cheira mais gostoso", dissera ele, e ambos riram e acabaram se cumprimentando com um toque dos punhos fechados.

Little Boy era uma granada de efeito moral, conhecida também como granada de luz e som. Devia fazer uns cinco anos que Lemmy a carregava no alforje, e sempre que os outros – inclusive Vince – o chateavam por causa disso, falava que ela poderia ser útil algum dia.

"Algum dia", no caso, era naquela situação.

– Será que essa velharia do caralho ainda funciona? – gritou Vince ao pendurar Little Boy pelas correias no guidom da moto.

Aquilo não parecia uma granada, mas uma combinação de garrafa térmica e latinha de aerossol. A única coisa que lembrava uma granada era a argola presa com fita à lateral.

– Sei lá! Não sei nem como dá para...

Não havia tempo para debater questões de logística. De qualquer forma, não dava muito para planejar uma ação como aquela.

– Tenho que ir! Aquele escroto vai sair do outro lado da estrada de Cumba! Quero estar lá quando ele aparecer!

– E se Race não estiver na frente dele? – perguntou Lemmy.

Até agora os dois estavam gritando, tomados pela adrenalina. Foi quase uma surpresa escutar um tom de voz próximo ao normal.

– Ele vai estar – respondeu Vince. – Vocês não precisam vir. Nenhum dos dois. Se quiserem voltar, eu vou entender. O garoto é meu.

– Mas a Tribo é nossa – retrucou Peaches. – Pelo menos *era*. – Com um pulo, ele pisou no pedal de ignição da Beezer e o motor quente ganhou vida com um ronco. – Vou com você, capitão.

Lemmy apenas assentiu e apontou para a estrada.

Vince partiu.

Não era tão longe quanto ele pensava: 11 quilômetros em vez de 15. Não cruzaram com nenhum carro ou caminhão. Talvez os veículos a estivessem evitando por causa das obras. Vince não parava de olhar para a esquerda. Por algum tempo, viu uma poeira vermelha se levantando; o caminhão parecia arrastar metade do deserto. Então perdeu de vista até mesmo a poeira, e a estradinha que conduzia a Cumba sumiu de seu campo de visão atrás de morros esmaecidos e deformados pela erosão.

Little Boy se balançava na correia, para a frente e para trás. Armamento militar. *Será que essa velharia do caralho ainda funciona?*, indagara a Lemmy, percebendo agora que poderia ter feito a

mesma pergunta em relação a si mesmo. Quanto tempo fazia que não era testado daquela maneira, andando feito um louco, com o acelerador no máximo? Quanto tempo fazia que o mundo não se resumia a apenas duas alternativas: viver na boa ou morrer dando risada? E como o seu próprio filho, tão descolado com sua roupa de couro nova e seus óculos espelhados, tinha deixado passar uma coisa tão elementar?

Viver na boa ou morrer dando risada, mas fugir jamais. Não vai fugir, porra.

Talvez Little Boy funcionasse, talvez não, mas Vince sabia que iria arriscar, e pensar isso lhe causou uma leve embriaguez. Se o cara estivesse seguro, trancado dentro da boleia, de toda forma seria um caso perdido. Mas no estacionamento do restaurante sua mão pendia contra a lateral do caminhão. E depois ele não tinha acenado por essa mesma janela aberta mandando-os passar? É claro que tinha.

Onze quilômetros. Cinco minutos, mais ou menos. O bastante para uma porção de lembranças do filho, cujo pai havia lhe ensinado a trocar óleo, mas não a pôr uma isca no anzol; a calibrar velas de ignição, mas nunca a distinguir uma moeda cunhada em Denver de outra cunhada em São Francisco. Tempo suficiente para pensar em como Race insistira naquela operação idiota de meth, em como Vince concordara mesmo sabendo que era uma idiotice, pois sentia que precisava compensar o filho por alguma coisa. Só que agora era tarde demais para compensações. Correndo a quase 140 por hora, o mais curvado possível para evitar a resistência do vento, um pensamento horrível, que Vince não conseguiu reprimir a tempo, lhe passou pela cabeça: talvez fosse melhor para todos os envolvidos se Laughlin *de fato* conseguisse atropelar seu filho. Não porque Race atingira a cabeça de um homem indefeso com uma pá, louco de raiva por ter perdido dinheiro, embora isso já fosse ruim o suficiente. Era algo mais. Era a expressão vazia no rosto do rapaz logo antes de ele virar com a moto na direção errada e pegar a estrada para Cumba. Durante toda a descida do cânion, Vince não conseguira parar de olhar em direção à Tribo enquanto alguns eram atropelados e outros lutavam para se manter à frente da grande máquina. Mas Race fora incapaz de virar aquele pescoço duro. Não havia nada atrás dele que precisasse ver. Talvez nunca tivesse havido.

Um *pá-pou* alto soou atrás de Vince, seguido por um grito que ele conseguiu escutar até mesmo com o barulho do vento e o resfolegar constante do motor da Vulcan: “Puta que PARIU!” Olhou pelo retrovisor e viu Peaches desacelerando. Uma fumaça emanava do espaço entre seus dois cambitos e, na pista atrás dele, havia um rastro de óleo em formato de leque, que foi ficando mais largo à medida que a velocidade da moto diminuía. A junta do cabeçote da Beezer havia finalmente estourado. Incrível que não tivesse acontecido antes.

Peaches acenou para que eles seguissem em frente… mas Vince não teria parado, mesmo. Porque, de certa forma, a questão de saber se o comportamento de Race podia ser redimido era insignificante. O próprio Vince não podia se redimir. Nenhum deles podia. Lembrou-se do policial do Arizona que certa vez os fizera encostar e dissera: “Ora, ora, vejam só o que a estrada vomitou.” E era isso que eles eram: um vômito da estrada. Até aquela tarde, porém, os corpos que haviam ficado lá atrás eram seus companheiros, a única coisa que ele tinha de valor no mundo. Eram de certa forma os irmãos de Vince – e Race era seu filho –, e ninguém podia enterrar a família inteira de um homem e esperar sair vivo. Ninguém podia massacrá-los e

esperar sair ileso. Se Laughlin não sabia disso, iria descobrir.
Em breve.

Lemmy não conseguiu acompanhar a Tojo Mojo El Rojo. Foi ficando cada vez mais para trás. Tudo bem. O simples fato de Lemmy continuar protegendo sua retaguarda já deixava Vince feliz.

Mais adiante, surgiu uma placa: ATENÇÃO AO TRÁFEGO VINDO DA ESQUERDA. Era a estrada que vinha de Cumba. Terra batida, como ele temia. Vince diminuiu a velocidade, parou e desligou o motor da Vulcan.

Lemmy chegou ao seu lado. Naquele trecho não havia *guard-rail*. Ali, no ponto em que a 6 cruzava a estrada de Cumba, a rodovia ficava no mesmo nível do deserto, embora um pouco mais à frente começasse a subir de novo em relação à planície, transformando-se outra vez em um corredor de matadouro.

– Agora é esperar – falou Lemmy, desligando o motor.

Vince concordou. Desejou ainda ser fumante. Disse a si mesmo que Race podia ou não ainda estar em pé na frente do caminhão e que a situação estava além do seu controle. Isso era verdade, mas o pensamento não ajudava em nada.

– Talvez ele encontre um lugar para sair da estrada em Cumba – comentou Lemmy. – Um trecho pequeno, onde o caminhão não possa entrar.

– Acho pouco provável. Cumba e nada são a mesma coisa. Tem um posto de gasolina e umas duas casas, todas encravadas no flanco da porra de um morro. A estrada é péssima. Pelo menos para Race. Não tem nenhuma saída fácil.

Nem sequer tentou falar com Lemmy sobre a expressão vazia e impenetrável de Race, uma expressão que informava que seu filho nada via a não ser a estrada imediatamente em frente à sua moto. Cumba seria um borrão e um lampejo que ele só iria registrar quando já a tivesse abandonado.

– Pode ser... – começou Lemmy, mas Vince ergueu a mão para fazê-lo parar de falar. Ambos inclinaram a cabeça para a esquerda.

Primeiro escutaram o caminhão, e Vince sentiu um aperto no peito. Então, em meio àquele rugido, ouviram o ronco de um segundo motor. Impossível confundir o barulho singular de uma Harley correndo a toda velocidade.

– Ele conseguiu! – berrou Lemmy, erguendo a mão espalmada para que Vince batesse nela com a sua.

Mas o amigo não o cumprimentou. Dava azar. Além do mais, o garoto ainda tinha que fazer a curva para tornar a entrar na 6. Se fosse cair, seria ali.

Um minuto se passou. O barulho dos motores ficou ainda mais alto. No minuto seguinte, eles puderam ver a poeira se erguer acima dos morros ali perto. Então, em uma brecha entre os dois mais próximos, viram um lampejo do sol sobre uma superfície cromada. Mal deu tempo de ver Race antes de ele desaparecer: curvado por cima do guidom, quase deitado, com os cabelos compridos a esvoaçar. Um segundo depois de ele sumir – com certeza não mais do que isso –, o

caminhão passou pela brecha com um clarão, soltando fumaça pelos canos de descarga. O LAUGHLIN na lateral não estava mais visível: fora enterrado debaixo de uma camada de poeira.

Vince acionou a ignição da Vulcan e o motor acordou com um pulo. Girou o acelerador até o fim e o corpo da moto vibrou.

– Boa sorte, capitão – disse Lemmy.

Vince abriu a boca para responder, mas uma emoção intensa e inesperada o deixou sem ar. Em vez de falar, ele fez um breve aceno de cabeça em agradecimento antes de partir. Lemmy foi atrás dele. Como sempre, ele estava protegendo sua retaguarda.

A mente de Vince se transformou em um computador e pôs-se a tentar calcular a proporção entre velocidade e distância. Tudo precisava ser cronometrado de maneira minuciosa. Aproximou-se do cruzamento a 80, diminuiu para 65, então tornou a girar o acelerador quando Race apareceu, a moto contornando uma bola de feno e chegando a sair do chão em alguns calombos da estrada. O caminhão vinha a menos de 10 metros. Quando Race se aproximou da bifurcação em que a estrada secundária para Cumba voltava a se encontrar com a principal, diminuiu a velocidade. Foi obrigado a diminuir. Na mesma hora, Laughlin deu um pulo para a frente, pulverizando a distância que os separava.

– Mete tudo nessa porra! – gritou Vince, mesmo sabendo que Race não podia escutá-lo em meio ao barulho ensurdecedor do caminhão. Mesmo assim, tornou a gritar: – METE TUDO nessa porra! Não diminui!

O caminhoneiro pretendia bater na roda traseira da Harley para fazer a moto rodopiar. Race chegou à bifurcação do cruzamento e mudou de direção, inclinando-se bem para a esquerda, segurando o guidom só com a pontinha dos dedos. Parecia um peão de rodeio montado em um mustangue adestrado. O caminhão errou o para-lama traseiro por um décimo de segundo. Ainda assim, Vince achou que Race fosse perder o controle.

Mas não. Seu arco em alta velocidade o levou até o outro lado da Rodovia 6, perto o suficiente do acostamento para levantar poeira, e ele então disparou para longe, zunindo em direção a Show Low.

O caminhão emergiu no deserto para fazer a curva, roncando e sacolejando. O motorista diminuiu as marchas rapidamente, fazendo tremer a estrutura inteira, e os pneus levantaram uma névoa de poeira que esbranquiçava o céu azul. Deixou um rastro de sulcos profundos e arbustos achatados antes de entrar outra vez na estrada e partir no encalço de Race.

Vince girou a manopla esquerda e a Vulcan partiu. Pendurada no guidom, Little Boy se sacudia freneticamente para um lado e para o outro. Agora vinha a parte fácil. Talvez lhe valesse a morte, mas seria fácil em comparação aos intermináveis minutos que ele e Lemmy haviam esperado antes de ouvir o motor de Race misturado ao de Laughlin.

A janela dele não vai estar aberta, você sabe disso. Não agora que ele acabou de passar por toda aquela poeira.

Isso também estava fora do seu controle. Se o caminhoneiro estivesse fechado na boleia, ele lidaria com a questão quando chegasse a hora.

Não iria demorar muito.

O caminhão devia estar a uns 100. Podia ir bem mais depressa, mas Vince não pretendia deixá-lo passar todas aquelas incontáveis marchas até o Mack atingir uma velocidade estratosférica. Aquilo iria terminar agora para um deles. Talvez para ele mesmo, possibilidade que não o intimidava. Pelo menos assim poderia dar mais tempo a Race – com uma dianteira, seria fácil para ele chegar a Show Low antes do caminhão. Mais do que apenas proteger Race, contudo, era preciso equilibrar a balança. Vince nunca havia perdido tanto tão depressa: seis integrantes da Tribo mortos em um trecho de estrada com menos de um quilômetro de extensão. Ninguém fazia isso à família de um homem e saía ileso, tornou a pensar.

E isso, entendeu Vince por fim, talvez fosse o que Laughlin estava tentando dizer, seu próprio princípio operacional fundamental... o motivo que o fizera desafiá-los apesar das chances de dez contra um. Ele saíra em seu encalço sem saber ou se importar se estavam armados e os derrubara em grupos de dois ou três de cada vez, apesar da possibilidade de uma das motos desgovernar o caminhão e fazê-lo tombar, transformando o que antes era um Mack em uma bola de fogo. Era uma loucura, mas não uma loucura *incompreensível*. Quando Vince foi para a pista da esquerda e começou a percorrer o último trecho que os separava, com a traseira do caminhão logo à frente à sua direita, ele viu algo que pareceu não apenas resumir aquele dia terrível, mas também explicá-lo em termos simples e perfeitamente lúcidos. Era um adesivo no para-choque. Estava mais sujo do que a placa de Cumba, mas ainda era legível:

ORGULHOSO PAI DE UMA ALUNA NOTA DEZ DO COLÉGIO CORMAN!

Vince emparelhou com o caminhão. No comprido retrovisor esquerdo da boleia, viu algo se mover: o motorista o tinha visto. No mesmo segundo, percebeu que a janela estava *mesmo* fechada, como ele temia.

O caminhão começou a descambar para a esquerda, ultrapassando a faixa branca com as rodas de fora.

Por alguns instantes, Vince se viu diante de uma escolha: recuar ou seguir em frente. Então o computador em sua mente lhe disse que a hora de escolher já tinha passado. Mesmo que ele freasse com força suficiente para arriscar cair com a moto, o último metro e meio do tanque imundo o enxotaria contra o *guard-rail* feito uma mosca.

Em vez de recuar, ele aumentou a velocidade enquanto a pista da esquerda se estreitava, com o caminhão a empurrá-lo em direção àquela barra de aço reluzente na altura dos joelhos. Arrebentou a correia ao arrancar a granada do guidom e rasgou com os dentes a fita que prendia a argola, com a ponta esgarçada da correia a lhe fustigar a face. A argola começou a bater no cilindro perfurado de Little Boy. O sol havia desaparecido. Vince agora corria à sombra do caminhão. O *guard-rail* estava a menos de um metro à sua esquerda; a lateral do caminhão, menos de um metro à direita, chegando cada vez mais perto. Vince chegara na altura da junção entre o tanque e a boleia. Agora tudo que conseguia ver era o topo da cabeça de Race; o resto de seu filho estava escondido pelo capô grená do caminhão. Ele não estava olhando para trás.

Vince não pensou no que faria a seguir. Não houve plano nem estratégia. Apenas o vômito de estrada que ele era dizendo um *foda-se* para o mundo, como sempre fizera. Pensando bem, a verdade era que essa era a única *raison d'être* da Tribo.

Quando o caminhão se aproximou para a fechada assassina, e sem ter mais para onde ir, Vince ergueu a mão direita e mostrou o dedo do meio para o caminhoneiro.

Estava chegando agora à altura da cabine e o caminhão assomava à sua direita como um imundo platô. Era a boleia que iria lhe desferir o golpe de misericórdia.

O motorista se moveu lá dentro, aquele braço queimado de sol com a tatuagem do Corpo de Fuzileiros Navais. O músculo se contraiu enquanto a janela se abria e Vince percebeu que a boleia, que já deveria tê-lo acertado, se mantinha no lugar. O caminhoneiro pretendia atingi-lo, é claro, mas só depois de ter respondido à altura. *Vai ver a gente até serviu junto em unidades diferentes*, pensou Vince. *No Vale de Au Shau, onde a merda cheira mais gostoso.*

A janela estava toda aberta. A mão apareceu. Começou a esticar o dedo do meio, e então parou. O motorista havia acabado de perceber que a mão que lhe mostrara o dedo não estava vazia, mas fechada em torno de algo. Vince não lhe deu tempo para pensar e não chegou a ver o rosto do caminhoneiro. Tudo o que viu foi a tatuagem: ANTES A MORTE DO QUE A DESONRA. Um bom preceito – e quantas vezes na vida você tinha a oportunidade de dar a alguém exatamente o que essa pessoa queria?

Vince segurou a argola com os dentes, puxou, ouviu o silvo de alguma reação química que se iniciava dentro do cilindro e atirou Little Boy pela janela. Não precisou ser um lançamento elegante e comprido. Apenas jogou. Ele era como um mágico que abria as mãos para libertar uma pomba de onde segundos antes havia apenas um lenço embolado.

Agora você acaba comigo, pensou Vince. *Vamos terminar isso do jeito certo.*

Mas o caminhão deu uma guinada para o outro lado. Vince sabia que teria vindo de novo na sua direção se tivesse havido tempo. Aquela guinada fora por puro reflexo. Laughlin tentava se desviar do objeto que fora atirado nele. Mas a guinada bastou para salvar a vida de Vince Adamson, pois Little Boy fez o serviço antes de o motorista poder corrigir o curso e empurrar o outro para fora da estrada.

Houve um clarão branco intenso na boleia, como se Deus em pessoa tivesse descido do céu para tirar uma foto. Em vez de guinar outra vez para a esquerda, Laughlin desviou para a direita, primeiro de volta à pista da Rodovia 6, que conduzia a Show Low, e em seguida para fora dela. O caminhão bateu no *guard-rail* do lado direito da estrada e produziu uma chuva de faíscas acobreadas, uma cascata de fogo, como mil fogos de artifício explodindo ao mesmo tempo. Vince se lembrou das comemorações do Dia da Independência e de Race ainda criança, sentado em seu colo para admirar o brilho vermelho dos foguetes e rojões a explodir no ar: rastros de luz refletidos nos olhos encantados e negros de seu filho.

O caminhão então derrubou o *guard-rail*, arrebentando-o como se fosse feito de papel-alumínio. Laughlin despencou de frente por uma ribanceira de 7 metros e foi parar no fundo de uma vala cheia de areia e bolas de feno. As rodas travaram. O caminhão dobrou ao meio. O imenso tanque foi projetado contra a traseira da boleia. Vince só conseguiu parar a moto depois do local da queda, mas Lemmy viu tudo: a cabine e o tanque formando um V e depois se separando, o tanque despencando um pouco depois da cabine, se rompendo e em seguida explodindo. A detonação produziu uma bola de fogo e uma coluna oleosa de fumaça preta. A

cabine passou rolando pelo tanque e deu várias cambalhotas, agora uma massa grená disforme que refletia o sol forte nos pontos em que o metal havia se rompido, formando pontas e ganchos.

A boleia aterrissou com a janela do motorista aberta apontando para o céu, a uns 25 metros da coluna de fogo. A essa altura, Vince já voltava passando por cima das marcas dos próprios pneus. Viu a silhueta que tentava sair pela janela deformada. O rosto se virou em sua direção, só que não era mais um rosto e, sim, uma máscara de sangue. O motorista emergiu até a cintura antes de desabar novamente para dentro da cabine. O braço tatuado e queimado de sol se ergueu como um periscópio. A mão pendia flácida.

Vince parou ao lado de Lemmy, arquejando. Por alguns instantes pensou que fosse desmaiar, mas se inclinou para a frente, levou as mãos aos joelhos e em pouco tempo se sentiu melhor.

– Ele já era, capitão – afirmou Lemmy, com a voz rouca de emoção.

– É melhor ir confirmar – retrucou Vince, mesmo sabendo que seria apenas uma formalidade.

– É, por que não? Preciso mesmo dar uma mijada.

– Você não vai mijar nele, nem morto nem vivo – falou Vince.

Um rugido se aproximou: a Harley de Race. O garoto parou com uma derrapada exibicionista, desligou o motor e desceu da moto. Embora todo sujo de poeira, seu rosto demonstrava deleite e triunfo. Vince não via Race assim desde que o filho era um menino de 12 anos. Ele havia ganhado uma corrida em pista de terra batida com um minikart que Vince construíra, um torpedo amarelo com um motor Briggs & Stratton tunado. Logo depois de passar pela bandeira quadriculada, Race saíra pulando da cabine com aquele mesmo semblante.

Envolveu Vince com os braços e o apertou com força.

– Você conseguiu! *Conseguiu*, pai! Fritou aquele puto!

Por um instante, Vince permitiu o abraço. Porque fazia muito tempo. E porque aquela era a melhor faceta de seu filho mimado. Todo mundo tinha uma: mesmo na sua idade, mesmo depois de tudo o que vira, Vince ainda acreditava nisso. Assim, saboreou o calor do corpo do filho, prometendo a si mesmo sempre recordar aquele momento.

Então levou as mãos ao peito de Race e o empurrou para longe. Com força. Race cambaleou para trás com as botas de couro de cobra feitas sob medida e a expressão de amor e triunfo se dissolveu em...

Não, não se dissolveu. Fundiu-se. Transformou-se na expressão que Vince passara a conhecer tão bem: desconfiança e antipatia. *Não se iluda, Vince. Isso não é antipatia nem nunca foi.*

Na verdade, aquilo era ódio, intenso e ardente.

Estou com a vida arrumada, pai, e você que se foda.

– Qual era o nome dela? – perguntou Vince.

– Ahn?

– O nome dela, John.

Fazia anos que não chamava o filho pelo nome de batismo. Não havia mais ninguém perto para presenciar a raridade. Lemmy estava deslizando pela terra macia do barranco em direção à bola de metal destruída que já fora a boleia de Laughlin, permitindo que eles tivessem aquele delicado momento entre pai e filho a sós.

– Que papo é esse?

Desprezo puro. No entanto, quando Vince estendeu a mão e arrancou aqueles óculos espelhados de merda, viu a verdade nos olhos de John “Race” Adamson. Soube do que se tratava aquilo tudo. Vince estava se fazendo entender perfeitamente, *five by*, como se dizia lá no Vietnã. Será que ainda falavam isso no Iraque, perguntou-se ele, ou a expressão teria sido esquecida junto com o código Morse?

– O que você quer fazer agora, John? Seguir na direção de Show Low? Dar um sacode na irmã do Clarke por causa de um dinheiro que não está com ela?

– Talvez esteja. – Race fez cara de emburrado. Recuperou a pose. – Está com ela, *sim*. Eu conheço Clarke. Ele confiava naquela puta.

– E a Tribo? E agora? Vamos esquecer e pronto? Dean, Ellis, todos os outros? Doc?

– Eles estão mortos. – Race encarou o pai. – Foram lentos demais. E a maioria estava velha demais. – *Você também está*, dizia o olhar frio.

Lemmy vinha voltando, levantando poeira do chão com as botas. Trazia algo na mão.

– Qual era o nome dela? – insistiu Vince. – A namorada do Clarke. Qual era o nome dela?

– Que diferença faz, porra? – Race então fez uma pausa e se esforçou para tornar a conquistar Vince; sua expressão chegou o mais perto da súplica que era capaz. – Caralho. Esquece isso, tá? A gente *ganhou*. A gente mostrou para ele quem é que manda.

– Você conhecia Clarke. Conheceu lá em Fallujah e conhecia aqui, longe da guerra. Vocês eram amigos. Qual era o nome dela?

– Janey. Joanie. Alguma coisa assim.

Vince lhe deu um tapa. Race apenas piscou, espantado. Por um segundo, voltou a ter 10 anos. Mas só por um segundo. Logo, a expressão de ódio retornou: um olhar doentio, envenenado.

– Ele ouviu a gente conversando lá no estacionamento do restaurante. O caminhoneiro – explicou Vince, paciente. Como se estivesse falando com a criança que aquele rapaz um dia tinha sido. O rapaz pelo qual ele arriscara a própria vida. Ah, mas isso fora por puro instinto, e ele não teria mudado de atitude. Era a única coisa boa em meio a todo aquele horror. Toda aquela imundície. Não que ele tivesse sido o único a agir por instinto... – Sabia que não podia pegar a gente lá, mas também não podia deixar escapar. Então ele esperou a hora certa. Deixou a gente passar na frente.

– Não tenho a menor ideia do que você está falando! – exclamou Race com veemência exagerada. Ele estava mentindo e sabia que o pai tinha percebido.

– Ele conhecia a estrada e pegou a gente onde o terreno o favorecia. Como todo bom soldado.

Sim. E depois os perseguira com uma determinação implacável, independentemente do preço quase certo que teria que pagar. Laughlin tinha escolhido a morte em vez da desonra. Vince não sabia nada sobre o cara, mas de repente notou que gostava mais dele do que do próprio filho. Uma coisa dessas não deveria ser possível, mas assim era.

– Você é um maluco da porra – disparou Race.

– Acho que não. Ele podia muito bem estar indo visitar a menina quando cruzou com a gente no restaurante. Era o que um pai faria por uma filha querida. Se organizaria para poder visitar a menina de vez em quando. Ver se ela precisava de uma carona para longe, para tentar outro caminho que não o do cachimbo e da pedra.

Lemmy juntou-se a eles outra vez.
– Morto – informou.
Vince aquiesceu.
– Achei isto aqui pregado no painel – falou Lemmy, entregando um objeto a Vince.
Vince não queria olhar, mas olhou assim mesmo. Era a foto de uma adolescente risonha com os cabelos presos em um rabo de cavalo. Usava um suéter de moletom do Grêmio Esportivo Colégio Corman, o mesmo com o qual morrera. Estava sentada no para-choque dianteiro de Laughlin, com as costas apoiadas na grade prateada. Usava o boné camuflado do pai virado para trás na cabeça, batia uma continência fajuta e fazia força para não sorrir. Uma continência para quem? Para o próprio Laughlin, claro. Ele que havia tirado a foto.
– O nome dela era Jackie Laughlin – disse Race. – E ela também está morta. Então ela que se foda.
Lemmy avançou, pronto para arrancar Race de cima da moto e enchê-lo de porrada, mas Vince o conteve com um olhar. Então tornou a virar o rosto para o filho.
– Vai nessa, filho – falou. – Cuidado para não cair.
Race o encarou, sem entender.
– Mas nem adianta parar em Show Low, porque eu pretendo avisar à polícia que uma putinha de lá talvez precise de proteção. Vou dizer que um maluco matou o irmão dela e que ela talvez seja a próxima.
– E o que vai dizer quando eles perguntarem como conseguiu essa informação?
– Tudo – respondeu Vince com a voz calma. Serena, até. – É melhor você ir nessa. Vai, segue em frente. É o que você sabe fazer melhor. Conseguir fugir daquele caminhão na estrada de Cumba... foi incrível. Isso eu tenho que admitir. Você tem um dom para a velocidade. Não tem mais coisa alguma, mas isso você tem. Então pega essa sua moto e se manda.
Race encarou o pai, inseguro e subitamente assustado. Mas esses sentimentos não iriam durar. Ele recuperaria a atitude que mandava o mundo se foder. Era tudo o que tinha: essa atitude, óculos espelhados e uma moto veloz.
– Pai...
– É melhor você ir nessa, filho – recomendou Lemmy. – Alguém já deve ter visto a fumaça. A polícia estadual não vai demorar a aparecer.
Race sorriu e uma lágrima solitária escorreu de seu olho esquerdo, abrindo caminho pelo rosto sujo de poeira.
– Vocês não passam de dois velhos bundões.
Tornou a andar até a moto. As correntes que enfeitavam suas botas de couro chacoalharam... um ruído meio infantil, pensou Vince.
Race montou na Harley, deu a partida e seguiu rumo ao oeste, para Show Low. Vince não achou que ele fosse olhar para trás, e de fato foi o que aconteceu.
Os dois observaram o rapaz se distanciar. Depois de algum tempo, Lemmy perguntou:
– Quer ir embora daqui, capitão?
– Cara, eu não tenho lugar nenhum para ir. Acho que vou ficar um pouco aqui, sentado no acostamento.

– Bem, como quiser. Também posso ficar um pouco.

Foram até o acostamento e sentaram-se de pernas cruzadas como dois índios, sem manta nenhuma para vender, vendo o caminhão arder no meio do deserto e soltar uma fumaça preta de gasolina em direção ao céu azul e inclemente. Um pouco da fuligem foi levada pelo vento até eles, fedida e oleosa.

– A gente pode mudar de lugar – disse Vince. – Se você não estiver gostando do cheiro.

Lemmy inclinou a cabeça para trás e inspirou fundo, como quem avalia o buquê de um vinho caro.

– Não, o cheiro não me incomoda. É o mesmo do Vietnã.

Vince assentiu.

– Me lembra os velhos tempos – continuou Lemmy. – Quando a gente era quase tão veloz quanto achava que era.

Vince voltou a concordar.

– Viver na boa...

– Ou morrer dando risada. É isso aí.

Não falaram mais nada depois disso. Ficaram apenas sentados ali, à espera, Vince segurando na mão o retrato da menina. De vez em quando, ele o erguia à luz do sol para contemplá-lo e pensava como ela parecia jovem, como parecia feliz.

Mas sobretudo ficou olhando o fogo.

Sobre os autores

JOE HILL já ganhou diversos prêmios por seus contos, incluindo dois Bram Stoker, o mais importante da literatura de horror. É autor de *A estrada da noite* e *O pacto* e da coletânea de contos *Fantasmas do século XX*, todos publicados no Brasil pela Editora Arqueiro. *O pacto* está sendo adaptado para o cinema e será protagonizado por Daniel Radcliffe.

Hill mantém um blog (joehillfiction.com), além de participar ativamente do Twitter (@joe_hill). Ele mora na Nova Inglaterra com a mulher e os filhos.

STEPHEN KING já escreveu mais de 50 romances e 200 contos, somando mais de 350 milhões de livros vendidos. Em 2003, foi agraciado com a medalha da National Book Foundation por sua contribuição à literatura norte-americana e ganhou o prêmio Libris, da Canadian Booksellers Association, pelo conjunto da obra. Em 2007, foi nomeado Grande Mestre dos Escritores de Mistério dos Estados Unidos. King também recebeu o prêmio O. Henry pelo conto “O homem de terno preto” e editou a coletânea *The Best American Short Stories 2007*.

Entre seus sucessos estão *À espera de um milagre*, *Carrie, a estranha*, *Cemitério maldito*, *Saco de ossos*, *O iluminado* e os títulos da série A Torre Negra, todos publicados pela Editora Objetiva. King vive em Bangor, no estado do Maine, com a esposa, a romancista Tabitha King.

www.stephenking.com

Conheça outros títulos de Joe Hill



A estrada da noite

Uma lenda do rock pesado, o cinquentão Judas Coyne coleciona objetos macabros: um livro de receitas para canibais, uma confissão de uma bruxa de 300 anos atrás, um laço usado num enforcamento, uma fita com cenas reais de assassinato. Por isso, quando fica sabendo de um estranho leilão na internet, ele não pensa duas vezes antes de fazer uma oferta.

"Vou 'vender' o fantasma do meu padrasto pelo lance mais alto..."

Por 1.000 dólares, o roqueiro se torna o feliz proprietário do paletó de um morto, supostamente assombrado pelo espírito do antigo dono. Sempre às voltas com seus próprios fantasmas – o pai violento, as mulheres que usou e descartou, os colegas de banda que traiu –, Jude não tem medo de encarar mais um.

Mas tudo muda quando o paletó finalmente é entregue na sua casa, numa caixa preta em forma de coração. Dessa vez, não se trata de uma curiosidade inofensiva nem de um fantasma imaginário. Sua presença é real e ameaçadora.

O espírito parece estar em todos os lugares, à espreita, balançando na mão cadavérica uma lâmina reluzente – uma verdadeira sentença de morte. O roqueiro logo descobre que o fantasma não entrou na sua vida por acaso e só sairá dela depois de se vingar. O morto é Craddock McDermott, padrasto de uma fã que cometeu suicídio depois de ser abandonada por Jude.

Numa corrida desesperada para salvar sua vida, Jude faz as malas e cai na estrada com sua jovem namorada gótica. Durante a perseguição implacável do fantasma, o astro do rock é obrigado a enfrentar seu passado em busca de uma saída para o futuro. As verdadeiras motivações de vivos e mortos vão se revelando pouco a pouco em *A estrada da noite* – e nada é exatamente o que parece.

Ancorando o sobrenatural na realidade psicológica de personagens complexos e verossímeis, Joe Hill consegue um feito raro: em seu romance de estreia, já é considerado um novo mestre do suspense e do terror.



O pacto

Ignatius Perrish sempre foi um homem bom. Tinha uma família unida e privilegiada, um irmão que era seu grande companheiro, um amigo inseparável e, muito cedo, conheceu Merrin, o amor de sua vida.

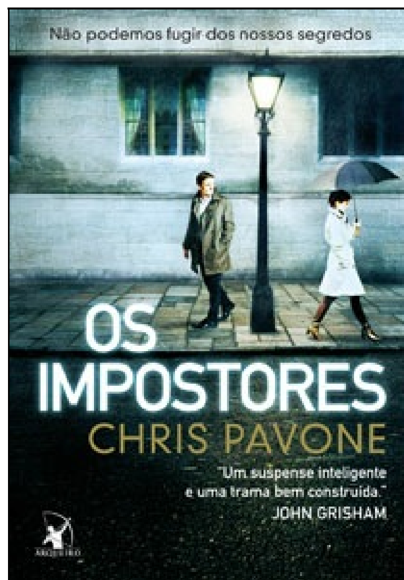
Até que uma tragédia põe fim a toda essa felicidade: Merrin é estuprada e morta e ele passa a ser o principal suspeito. Embora não haja evidências que o incriminem, também não há nada que prove sua inocência. Todos na cidade acreditam que ele é um monstro.

Um ano depois, Ig acorda de uma bebedeira com uma dor de cabeça infernal e chifres crescendo em suas têmporas. Descobre também algo assustador: ao vê-lo, as pessoas não reagem com espanto e horror, como seria de se esperar. Em vez disso, entram numa espécie de transe e revelam seus pecados mais inconfessáveis.

Um médico, o padre, seus pais e até sua querida avó, ninguém está imune a Ig. E todos estão contra ele. Porém, a mais dolorosa das confissões é a de seu irmão, que sempre soube quem era o assassino de Merrin, mas não podia contar a verdade. Até agora.

Sozinho, sem ter aonde ir ou a quem recorrer, Ig vai descobrir que, quando as pessoas que você ama lhe viram as costas e sua vida se torna um inferno, ser o diabo não é tão mau assim.

Conheça mais títulos da Editora Arqueiro



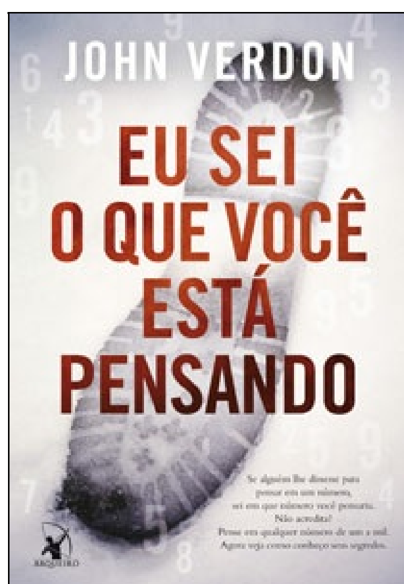
Os impostores
Chris Pavone

Kate Moore é uma mãe que trabalha fora e luta para equilibrar as despesas e o orçamento, criar os filhos, manter viva a chama do casamento... e guardar um segredo cada vez mais difícil de suportar. Por isso, quando seu marido, Dexter, recebe uma proposta de emprego em Luxemburgo, ela agarra a chance de deixar para trás sua vida dupla e recomeçar do zero longe de Washington.

Em outro país, Kate se reinventa, enquanto Dexter trabalha sem parar num emprego que ela nunca entendeu, para um cliente que ela não pode saber quem é. Em pouco tempo, a confortável vida europeia com que sonhava se revela uma rotina cansativa em que o marido vai ficando cada vez mais distante e evasivo e ela, solitária e entediada.

Chega então outro casal americano, que faz amizade com Dexter e Kate. Mas ela logo desconfia que os novos amigos não sejam exatamente quem dizem ser – e fica apavorada diante da possibilidade de estar sendo perseguida por fantasmas do passado.

Assim, Kate começa a investigá-los e acaba descobrindo camadas e mais camadas de mentiras que a cercam e, por trás disso tudo, um golpe extremamente bem elaborado que ameaça sua família, seu casamento e até sua vida.



Eu sei o que você está pensando
John Verdon

Eu sei o que você está pensando propõe um enigma que parece insolúvel. Um homem recebe pelo correio uma carta provocadora que termina da seguinte forma: "Se alguém lhe dissesse para pensar em um número, sei em que número você pensaria. Não acredita? Vou provar. Pense em qualquer número de um a mil. Agora veja como conheço seus segredos."

O destinatário, Mark Mellery, pensa no número 658 e, ao abrir um envelope que acompanha a mensagem, descobre que o autor da carta previu corretamente o número que ele acabara de escolher de modo aleatório. Como isso seria possível?

Desesperado com os bilhetes ameaçadores que se seguem à carta, Mark, um guru da autoajuda, procura um velho colega de faculdade, o brilhante detetive David Gurney, recentemente aposentado do Departamento de Polícia de Nova York.

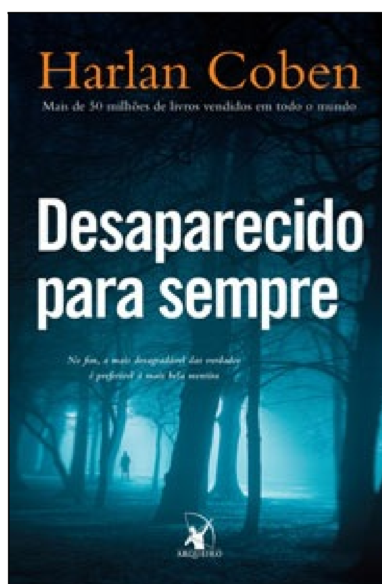
Aos 47 anos, 25 deles dedicados a desvendar terríveis casos de homicídio, David acaba de se mudar com a esposa, Madeleine, para uma fazenda no interior do estado e tenta se adaptar a um novo estilo de vida. Mas sua mente, extremamente lógica, é fisgada pelo quebra-cabeça apresentado por Mark.

O "superdetetive", apelido que ganhou da imprensa no auge da carreira, percebe que encontrou um vilão à sua altura quando as estranhas ameaças terminam em morte. Tudo leva a crer que o assassino, além de ser clarividente, cometeu um crime impossível, deixando pistas sem sentido e desaparecendo no meio do nada.

Consumido pelo desafio de encontrar uma resposta lógica para o caso, David aceita trabalhar como consultor na investigação, colocando em risco seu já debilitado casamento e até mesmo sua vida.

Considerado uma revelação, John Verdon criou em seu livro de estreia um personagem denso,

cerebral, capaz de resolver crimes dignos de Hercule Poirot e Sherlock Holmes. Aclamado pelo público e pela crítica, *Eu sei o que você está pensando* foi vendido para 24 países.



Desaparecido para sempre
Harlan Coben

Will Klein levava uma vida tranquila num subúrbio rico de Nova Jersey até que seu irmão mais velho, Ken, some ao ser acusado de estuprar e assassinar sua vizinha Julie Miller. Para a polícia, Ken torna-se um foragido internacional. Mas sua família, que nunca mais teve notícias dele, prefere acreditar que ele morreu a aceitar que seja um criminoso.

Pelo menos era o que Will pensava até que, 11 anos depois, no leito de morte, a mãe lhe revela que seu irmão estaria vivo. Quando resolve investigar melhor o caso, Will sofre outro grande choque: sua namorada, Sheila – que sempre manteve seu passado em segredo –, desaparece e as impressões digitais dela são encontradas na cena de um crime no Novo México.

Será que essas tragédias poderiam ter algo em comum? Por seu envolvimento com os principais suspeitos dos dois casos de assassinato, Will se vê às voltas com o obstinado diretor-assistente Joseph Pistillo, um dos agentes mais poderosos do FBI.

Para tornar tudo ainda mais estranho e perturbador, ele passa também a ser perseguido por um psicopata implacável que ressurge enigmaticamente do seu passado.

Enquanto procura compreender esses acontecimentos com a ajuda de seu amigo Squares, um iogue ex-partidário do nazismo, e de Katy, a irmã mais nova de Julie, Will descobre que a verdade nem sempre é o que parece ser – e raramente é o que gostaríamos.

Denso, avassalador e surpreendente, esse thriller traz revelações e descobertas que se sucedem num turbilhão de emoções e não cessam até a última página.



É melhor não saber
Chevy Stevens

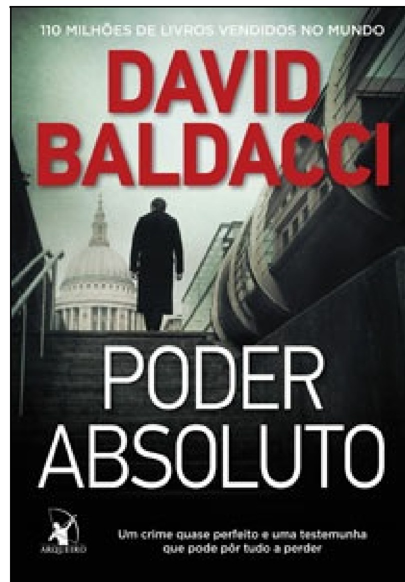
Sara Gallagher nunca sentiu que pertencesse de verdade à sua família de criação. Embora sua mãe seja amorosa e gentil e ela se dê bem com sua irmã Lauren, a relação com o pai e a irmã caçula, Melanie, sempre foi complicada.

Às vésperas de se casar, Sara decide que está pronta para investigar o passado e descobrir suas origens. Mas a verdade é muito mais aterrorizante do que ela poderia imaginar. Sara é fruto de um estupro, filha do Assassino do Acampamento, um famoso serial killer.

Toda a sua paz acaba quando essa história é divulgada na internet e o pai que ela anteriormente queria conhecer resolve entrar em sua vida de forma avassaladora. Eufórico com a descoberta de que tem uma filha, John vê nela sua única chance de redenção. E, para criar um vínculo com Sara, ele está disposto a tudo, até a voltar a matar.

Ao mesmo tempo, a polícia acredita que essa é sua única chance de prender o assassino e resolve usá-la como isca. Então Sara se vê numa caçada alucinante, lutando para preservar sua vida e a de sua filha.

É melhor não saber é um complexo retrato de uma mulher tentando entender suas origens. Uma história cheia de reviravoltas, na qual ninguém é completamente bom ou mau.



Poder absoluto
David Baldacci

Luther Whitney está prestes a cometer o último roubo de sua vida. Ele pretende passar a aposentadoria em alguma praia distante. Mas seus planos vão por água abaixo quando a dona da casa invadida por ele aparece de repente, acompanhada do amante – o presidente dos Estados Unidos.

Escondido, Luther vê o romance entre Christy Sullivan e Alan Richmond esquentar muito, a ponto de virar uma briga séria. Quando ela ameaça matar o amante com um abridor de cartas, os agentes da guarda presidencial imediatamente entram em ação.

De repente Luther passa de ladrão a única testemunha de um crime, diante de uma mulher morta e de uma verdade devastadora, em que ninguém jamais vai acreditar: o presidente é um assassino.

Quando as investigações começam – com o misterioso interesse e apoio do Serviço Secreto –, as suspeitas logo recaem sobre Luther. Mas ele também tem um aliado: Jack Graham, um amigo de longa data, ex-namorado de sua filha, que se arrepende amargamente de ter trocado a defensoria pública pela roda endinheirada do direito corporativo.

Um ladrão escrupuloso, um advogado obstinado, um detetive que não aceita nenhum caso sem solução e um grupo de pessoas dispostas a qualquer coisa pelo poder. Tudo isso faz de *Poder absoluto* um livro alucinante, que tornou David Baldacci um dos maiores autores de suspense do mundo.

Conheça outros títulos da Editora Arqueiro

Queda de gigantes e *Inverno do mundo,* de Ken Follett

Não conte a ninguém, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim* e *Cilada*, de Harlan Coben

A cabana e *A travessia,* de William P. Young

A farsa, *A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e *Fortaleza digital,* de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; *O restaurante no fim do universo*; *A vida, o universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!* e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams

O nome do vento e *O temor do sábio,* de Patrick Rothfuss

A passagem e *Os doze,* de Justin Cronin

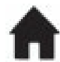
A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

Informações sobre os próximos lançamentos

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga @editoraarqueiro no Twitter.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 Twitter: @editoraarqueiro

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Título original: *Throttle*
Copyright © 2012 por Joe Hill e Stephen King
Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com HarperCollins Publishers.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

TRADUÇÃO: Fernanda Abreu
PREPARO DE ORIGINAIS: Gabriel Machado
REVISÃO: Ana Lucia Machado, Rafaella Lemos e Renata Dib
ADAPTAÇÃO DA CAPA: Ana Paula Daudt Brandão
PRODUÇÃO DIGITAL: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

H545t

Hill, Joe
A Tribo [recurso eletrônico] / Joe Hill; Stephen King [tradução de Fernanda Abreu]; São Paulo: Arqueiro, 2013.
recurso digital
Tradução de: Throttle
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Multiplataforma
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-190-4 (recurso eletrônico)
1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. King, Stephen, 1947-. II. Abreu,Fernanda. III. Título.

13-01968

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

SUMÁRIO

Créditos

A tribo

Sobre os autores

Conheça outros títulos de Joe Hill

Conheça mais títulos da Editora Arqueiro

Conheça outros títulos da Editora Arqueiro

Informações sobre os próximos lançamentos

Table of Contents

Créditos	43
Sumário	44
A TRIBO	5
Sobre os autores	31
Conheça outros títulos de Joe Hill	32
Conheça mais títulos da Editora Arqueiro	35
Conheça outros títulos da Editora Arqueiro	41
Informações sobre os próximos lançamentos	42